

"VOU-ME EMBORA DESTA CASA!", CRÔNICA DE MOACYR SCLiar: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DOS PERSONAGENS

Jussara Palmeira dos Santos*

Adriana de Alcântara Oliveira**

Maria de Lourdes Leandro Almeida (Orientadora)***

RESUMO:

Este artigo consiste em fazer uma análise discursiva da crônica "Vou-me embora desta casa!", de Moacyr Scliar, com base nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha Francesa. Objetivamos demonstrar os conflitos existentes dentro do âmbito familiar, mas especificamente na relação entre pais e filho, quando este ainda é criança. Para tanto, tomaremos, como ponto de análise, os discursos constitutivos do diálogo estabelecido entre os personagens da crônica supracitada. Para a fundamentação teórica utilizar-se-á Fernandes (2007), Orlandi (2007), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: *Discurso; Formação Discursiva; Ideologia; Leitura.*

MOACYR SCLiar'S CHRONICLE "VOU-ME EMBORA DESTA CASA": A DISCOURSE ANALYSIS OF THE CHARACTERS

ABSTRACT:

This article consists in doing a discursive analysis of Moacyr Scliar's chronicle "Vou-me embora desta casa", in the basis of the theoretical presuppositions established by the French discourse analysis. We aim at discussing the conflicts which are present within the family, but particularly those surrounding parents and son, when this is still a child. To do such analysis, we use the characters' discourse of the chronicle. For the theoretical use will Fernandes (2007), Orlandi (2007), among others.

KEY WORDS: *Discourse; Discursive formation; Ideology; reading.*

"VOU-ME EMBORA DESTA CASA!", CRÓNICA MOACYR SCLiar: UN ANÁLISIS DE LOS DISCURSOS DE LOS PERSONAJES

RESUMEN:

Este artículo haremos un análisis discursivo de la crónica "Vou-me embora desta casa!", de Moacyr Scliar, basada en la teoría del análisis del discurso de línea francesa. Nuestro objetivo es demostrar los conflictos dentro de la familia, pero específicamente la relación entre padres e hijos cuando se es joven. Con este fin, tenemos, como punto de análisis, los discursos que constituyen el diálogo establecido entre los personajes de la crónica anterior. Para el uso teórico Fernandes (2007), Orlandi (2007), entre otros.

PALABRAS CLAVE: *Discurso; Formación Discursiva; Ideología; Lectura.*

Introdução

Interpretar os sentidos que estão “escondidos” nos enunciados/textos é uma atividade contínua da Análise do Discurso (AD). Para tanto, essa disciplina, que surgiu em fins da década de sessenta do século passado, tem como objeto de análise o *discurso*. Este, por sua vez, não é entendido como o senso comum, normalmente, a ele se refere, ou seja, não é remetido aos pronunciamentos nos quais há uma utilização da língua de maneira formalizada, como é o caso do discurso político. Mas, entende-se *discurso* como sendo um fenômeno exterior à língua e que precisa desta para se materializar em forma de texto.

No presente trabalho, realizamos uma análise discursiva da crônica “Vou-me embora desta casa!”, de Moacyr Scliar, objetivando demonstrar que o discurso que perpassa esse texto, proferido pelo sujeito enunciativo, evidencia concepções ideológicas indicadoras de conflitos entre gerações, uma vez que se refere à relação entre pais e filhos, visto que estes são sujeitos sociais e ideologicamente marcados em um dado momento da história, e que ambos pertencem a gerações distintas. Para fundamentar as discussões aqui suscitadas, tomamos como aporte teórico, os estudos de Fernandes (2007) e Orlandi (2007), no que concerne a Análise do Discurso, e para discutir um pouco sobre o gênero crônica, adotamos os estudos de Moisés (1982) e Neves (1995).

1. O que diz a teoria

1.1 Análise do Discurso

Como já havíamos falado, a Análise do Discurso tem como objeto de estudo o *discurso*. Este, por sua vez, ora se refere ao discurso como pronunciamentos políticos, nos quais são utilizados recursos de linguagem bastante sofisticados, ora se refere à fala de alguém.

O discurso não é a língua, o texto ou a fala, apesar de precisar desses elementos linguísticos para ter a existência material. Assim, a noção de discurso que trazemos, segundo Fernandes (2007), se constrói a partir de uma exterioridade à língua. Logo, é no social que o discurso se realiza e envolve não apenas questões linguísticas, mas também aspectos sociais, históricos e ideológicos penetrados nas palavras quando estas são pronunciadas.

De acordo com Fernandes (2007), a noção de *sentido* faz parte do *discurso* e é compreendida como um efeito de sentidos entre sujeitos se manifestando por meio do uso da linguagem. Os sentidos das palavras são produzidos em decorrência da *ideologia* (concepção de mundo de um dado grupo social em um contexto histórico) dos sujeitos em questão, da maneira como compreendem o contexto no qual estão inseridos.

Neste sentido, podemos assegurar que os discursos não são fixos, pois se movimentam e ao longo do tempo passam por constantes transformações sociais e políticas de todo o meio que faz parte da vida humana. Dessa maneira, o *discurso* é visto como “palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.” (ORLANDI, 2007, p. 15)

Diante disso, analisar o *discurso* requer interpretar os sujeitos falando, observando a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades sociais, pois a ideologia dos sujeitos se materializa no discurso e este se materializa pela linguagem em forma de texto, como assim afirma Fernandes (2007).

Para a Análise do Discurso, conforme Orlandi (2007), o sujeito discursivo é descentrado, não é um ser pautado na individualidade, “(...) pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia” (p. 20).

Fernandes (2007), comungando com os estudos de Orlandi, afirma que o sujeito discursivo possui existência em um espaço social e ideológico, em um determinado momento da história, e a sua voz revela o lugar social expressando também um conjunto de outras vozes integrantes daquela realidade social.

A partir da produção de sentidos, tem-se a formação discursiva que, para Orlandi (2007), refere-se ao que pode e deve ser dito através de uma determinada formação ideológica, conseqüentemente, qualquer formação discursiva desvenda as ideologias que a integram. Deste modo, toda formação discursiva revela em seu interior a presença de diferentes discursos, que é denominado de *interdiscurso* e que se caracteriza pelo “entrecruzamento” de discursos distintos, originados em diferentes momentos da história e de diversos lugares sociais.

1.2 O gênero literário Crônica

Entre as várias modalidades do gênero literário narrativo está a crônica. Este gênero, a princípio, era considerado como um “relato cronológico dos fatos sucedidos em qualquer lugar”, isto é, uma narração de episódios históricos.

Ao longo da história da literatura, a crônica muitas vezes foi desprestigiada perante os outros gêneros narrativos. Para alguns críticos literários ela é vista como um gênero menor. Outros, não a consideram como literatura, e sim jornalismo, ou seja, apenas um registro documental. Ainda existem aqueles que a classificam como gênero de circunstância, haja vista que a nossa literatura nasceu, pois, de uma circunstância. Esta é atribuída à carta escrita de Pero Vaz de Caminha, feita na viagem do descobrimento do Brasil. É considerada também, de acordo com os estudos de Moisés (1984) como uma junção do jornalismo com a literatura, uma vez que ela oscila entre a reportagem e a literatura entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial e a recriação do cotidiano por meio da fantasia.

A crônica se torna um gênero menos efêmero à medida que o seu escritor, ou seja, o cronista, não só representa o cotidiano de forma simplista, mas quando ele passa a representar a vida, faz uma reflexão sobre o fato, captando não só o circunstancial como também o ser humano, e tudo o que está implicado nele. Conforme os estudos de Saramago (1986 *apud* Neves, 1995), “ao cronista compete ser registrador do tempo, o seu particular e aquele em que mais alargadamente vive”, ou seja, o papel do cronista é dominar o tempo ao pô-lo por escrito, distinguindo o tempo interior (pessoal e vivencial) do tempo histórico, mas sempre retratando ambos.

Do seu surgimento aos dias atuais, a crônica ganhou prestígio e se consolidou, por volta de 1930, no Brasil. Essa importância que ela vem adquirindo é graças aos excelentes escritores que resolveram se dedicar ao gênero, a citar Moacyr Scliar, o autor da crônica aqui analisada.

Portanto, a crônica por retratar aspectos do dia-a-dia, e da constituição do indivíduo, pode-se inferir que ela não se constitui como gênero menor enquanto literatura, uma vez que dá conta de representar a vida nas suas minúcias, de espelhar a realidade para aquele que a lê, com uma maior carga de verossimilhança.

2. Pai e filho: diálogo entre duas gerações

Depois de explanarmos um pouco sobre a teoria acerca da Análise do Discurso e do gênero literário crônica, partiremos para a análise do *corpus*, que se encontra transcrito logo abaixo.

2.2 A crônica

Vou-me embora desta casa!

Existe alguma coisa pior do que ter quatro anos e brigar com o pai?

(Existe: é ser pai e brigar com o filho de quatro anos. Mas isto a criança só descobre depois de muitos anos.

Para um garoto de quatro anos, brigar com o pai, ou com a mãe, significa romper com o mundo. Uma ruptura aliás freqüente, porque há poucas coisas que um guri goste mais de fazer do que brigar. Ele briga porque quer comer e porque não quer comer; porque quer se vestir ou porque não quer se vestir; e porque não quer tomar banho, não quer dormir, não quer juntar as coisas que deixou espalhadas pelo chão. E porque quer uma lancha com pilhas, e uma bicicleta, e uma nave espacial — de verdade. Todas estas coisas geram bate-boca, ao final do qual o garoto diz, ultrajado:

— Ah, é? Pois então...

Pois então o quê? Um país pode ameaçar outro com mísseis, ou com marines, ou com bloqueio; um adulto diz que vai quebrar a cara do inimigo; mas, um garoto, pode ameaçar com quê? Com o único trunfo que eles têm:

— Eu vou-me embora desta casa!

Ao que, invariavelmente, os pais respondem: vai, vai de uma vez. Ué, mas não seria o caso deles suplicarem, não meu filho, não vai, não abandona teus velhos pais? Meio incrédulo, o guri repete:

— Olha que eu vou, hein?

Vai, é a dura resposta. E aí o menino não tem outro jeito: para salvar sua honra (e como têm honra, os garotos de quatro anos!) ele tem de partir. Começa arrumando a mala: numa sacola de plástico, ele coloca os objetos mais necessários: um revólver de plástico, os homenzinhos do Playmobil (aos quatro anos, o *Kit* de sobrevivência é notavelmente restrito).

Enquanto isto, os pais estão jantando, ou vendo TV, aparentemente indiferentes ao grande passo que vai ser dado. O que só reforça a disposição do filho pródigo em potencial: esses aí não me merecem, eu vou-me embora mesmo.

Mas, para onde? para onde, José? Manuel Bandeira podia ir para Pasárgada, onde era amigo do rei; aos quatro anos, contudo, a relação com a realeza é muito remota. O guri abre a porta da rua (essas coisas são mais dramáticas em casa do que em apartamentos); olha para

fora; está escuro, está frio, chove. Ele hesita; está agora em território de ninguém, tão diminuto quanto o é a sua independência. Ir ou não ir? Nem Hamlet viveu dilema tão cruel. Lá de dentro vem um grito:

– Fecha essa porta que está frio!

Esta é a linha dura (pai ou mãe). Mas sempre há um mediador – pai ou mãe – que negocia um recuo honroso:

– Está bem, vem para dentro. Vamos esquecer tudo!

O garoto resiste, com toda a bravura que ainda lhe resta. Por fim, ele volta, mas sob condições: quando o pai for ao Centro, ele trará um trem elétrico, desde que não seja muito caro, naturalmente. A paz enfim alcançada, o garoto volta para dentro. Até a próxima briga.

Quando, então:

– Eu vou-me embora desta casa!

2.1 Desvendando os discursos do texto

A análise que faremos da crônica “Vou-me embora desta casa!”, será apenas baseada nos estudos da Análise do Discurso, sem considerarmos aspectos literários da crônica supracitada, o que não quer dizer que não reconhecemos esses aspectos.

A crônica “Vou-me embora desta casa!” tem como temática a relação entre pais e filhos, ou melhor, o conflito existente entre estas duas gerações. Ao procedermos à leitura do texto vemos que há uma insatisfação de um ser, em relação ao mundo no qual está inserido (casa em que mora). A partir do título “Vou-me embora desta casa!”, já podemos notar que este traz um discurso já dito. Quem não se lembra do poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira? Texto esse que o sujeito enunciador também ao sentir-se insatisfeito com o “mundo” no qual vive, cria em seu imaginário um lugar “ideal”.

O sujeito enunciador da crônica em análise, na condição de pai, traz em seu discurso os conflitos que teve outrora com o pai, afirmando que para apreender os desentendimentos entre pais e filhos, é preciso se encontrar na condição de pai. O que pode ser comprovado a partir do trecho inicial do texto, quando o sujeito começa fazendo uma indagação, e em seguida respondendo a si mesmo: “Existe alguma coisa pior do que ter quatro anos e brigar com o pai? (Existe: é ser pai e brigar com o filho de quatro anos. Mas isto a criança só descobre muitos anos depois.)” (SCLIAR, 1998, p. 12). A partir deste trecho, evidenciamos uma leitura em que há um deslocamento de espaço discursivo do sujeito/personagem/pai, pois este, para entender o filho “volta ao passado”, colocando-se na posição de filho, lembrando-se dos conflitos que também tinha com o pai. Assim, podemos levantar a possibilidade de haver discursos

que dialogam: o discurso do pai moderno (discurso que está dito no texto) *versus* o do pai autoritário (discurso insinuado no texto). Em que o discurso do primeiro é pautado na reflexão acerca da relação com filho, se colocando até mesmo no lugar dele para tentar compreendê-lo em meio aos conflitos entre eles. E o discurso do pai autoritário, é o de um pai que nunca se colocaria na posição de seu filho, pelo contrário, o filho que deveria se colocar na posição de pai para refletir sobre as responsabilidades que este assume.

Em seguida, o sujeito enunciador diz que, para uma criança de quatro anos, brigar com um dos pais, significa romper com o mundo no qual os pais vivem, pois a criança irá discordar de qualquer coisa que será imposta por eles, como o horário da alimentação, o banho, arrumação dos brinquedos, etc. Coisas que conseqüentemente gerarão um bate-boca entre ela e seus pais. Logo, a partir disso vemos o confronto gerado devido ao choque de "interesses" entre gerações, onde de um lado há uma criança que deseja viver sem regras, e do outro há os pais, adultos que querem que os filhos cumpram com seus "deveres". Não nos interessa aqui, estabelecer a relação causa/consequência ou vice-versa dos fatos ocorridos, mas sim interpretar o modo como se dá a formação discursiva que compõe esse "diálogo" fictício, constituindo o lugar de tensão dessa narrativa. Interessa-nos analisar como o sujeito discursivo, no papel de pai, se desloca para o lugar do filho. Ou, melhor dizendo, como o sujeito do discurso, nesse espaço discursivo, a crônica literária, assume o lugar do sujeito enunciador para narrar os fatos, e, no decorrer, desloca-se para o lugar do pai, dos pais, do filho e o que se diz desse lugar.

Assim, podemos perceber que o sujeito enunciador do texto se apropria de discursos que revelam formação ideológica, isto é, modo de pensar sobre o que é ser pai e ser filho. Nesta crônica, podemos interpretar que a ideologia que o sujeito enunciador traz do pai no texto, é a do adulto que deseja que a criança seja responsável para assumir as suas responsabilidades enquanto filho, e a possível ideologia do filho é a da criança que quer viver "livre" de todas as obrigações impostas por adultos, como seus pais, e que por não querer aceitar imposições feitas por eles, ameaça sair de casa, que é a única coisa que poderá realmente afetar os pais.

Na crônica, há outras apropriações do sujeito do discurso como sujeito enunciador (o narrador) de outros discursos (outras vozes) que são citados para mostrar o dilema enfrentado pelo personagem/filho que não tem outro lugar para onde ir depois que decide sair de sua casa, como podemos verificar no seguinte trecho: "Mas, para onde? para onde, José? Manuel Bandeira podia ir para Pasárgada, onde era amigo do rei; aos quatro anos, contudo, a relação com a realeza é muito

remota” (SCLIAR, 1998, p. 14). Vemos que o sujeito enunciador da narrativa traz a voz do sujeito enunciador do poema “José”, de Carlos Drummond de Andrade e também a voz, como já falamos anteriormente, do sujeito enunciador do poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, vozes estas que estão inseridas na memória constitutiva discursiva do sujeito.

O sujeito enunciador parece se revelar um sujeito da narrativa próprio do contexto da narrativa literária: o narrador que “conhece” e “controla” seus personagens. Essa possibilidade nos remete aos lugares de sujeitos evidenciados na crônica em questão: lugar de pai (pai de uma criança) e lugar de filho (criança de quatro anos), mostrando assim, relação com conflitos vivida entre eles.

Algumas considerações

Com base nos estudos da Análise do Discurso, fizemos uma análise da crônica “Vou-me embora desta casa”, de Moacyr Scliar, que nos encaminhou para uma possível leitura desta narrativa, levando-nos a refletir sobre a relação entre pais e filhos, relação esta que revela mundos em tensão, uma vez que se trata de relações distintas com ideologias distintas.

Portanto, a análise da crônica que realizamos neste trabalho é apenas uma interpretação desse gênero discursivo, pois a partir dele, do ponto de vista da Análise do Discurso, podemos levantar outras possibilidades de interpretações. Uma vez que, devemos considerar nesses trabalhos de interpretação, segundo Fernandes (2007), a opacidade da linguagem, a sua não transparência, já que na relação do sujeito com a língua e com a história, através das palavras já ditas, se produz sentidos com o não-dito.

Referências

FERNANDES, Cleudimar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

MOISÉS, Massaud. A crônica. In: *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 1982 (pp. 101-120).

NEVES, Margarida de Souza. História da crônica. Crônica da história. In: REZENDE, Beatriz (org) *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olimpo: CCBB, 1995 (pp. 17-31).

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

SCLIAR, Moacyr. **Vou-me embora desta casa!** In: SCLIAR, Moacyr. Um país chamado infância. vol. 18. São Paulo: Editora Ática, 1998.